

A nova proposta do País aos credores

O Brasil agora quer US\$ 6,6 bilhões. E o acordo pode sair esta semana.

O Brasil está pedindo US\$ 6,6 bilhões (equivalentes a Cr\$ 660 bilhões) aos bancos credores, e não mais US\$ 7,1 bilhões (aproximadamente Cr\$ 710 bilhões), numa nova ofensiva para obter, rapidamente, um acordo de princípio. Existe mesmo uma certa expectativa de que o ministro Maílson da Nóbrega possa voltar ao Brasil, neste fim de semana, anunciando o final das negociações sobre o montante, o spread e o prazo para o pacote de médio prazo.

Os bancos credores propuseram emprestar só mais US\$ 5 bilhões, incluindo os US\$ 3 bilhões do acordo interino assinado em dezembro, num documento de 60 páginas entregue ao presidente do Banco Central, Fernando Milliet, na semana passada, mas o ministro Maílson da Nóbrega considerou ser apenas um "ponto de partida".

O Brasil poderá aceitar US\$ 6 bilhões com o carve-out que é o benefício da redução do spread sobre o estoque da dívida, num valor estimado entre 500 e 600 milhões de dólares. Sem o carve-out, a quantia subiria a US\$ 6,6 bilhões, "o que dá na mesma", de acordo com uma fonte.

O ministro Maílson da Nóbrega, ao reunir-se outra vez com a imprensa, ontem à tarde, na embaixada brasileira, repetiu que "o clima em relação ao Brasil tem sido muito favorável". Ele o sentiu durante a sua conversa pessoal com o secretário do Tesouro, James Baker, seguida depois de uma discussão entre equipes dos dois governos. E ele o confirmou ao visitar o presidente do Banco Central Norte americano, Alan Greenspan, e o presidente do Banco Mundial, Barber Conable. Chegou a falar em "entusiasmo" aos repórteres, mas quando perguntado sobre quem eram os entusiastas, ele recusou-se a nomeá-los.



Maílson com Baker: "clima favorável."

O café da manhã do ministro previa 12 congressistas, mas só dois, afinal, apareceram, os democratas, John Lafalce e Bruce Morrison, que, entre ovos, queijos, frutas e chá, falaram dos esquemas já elaborados para aliviar a dívida dos países em desenvolvimento. A ausência não teve um significado de boicote. "Foi tudo organizado de última hora e muitos deputados e senadores estão atualmente em plena campanha eleitoral."

O ministro Maílson da Nóbrega foi muito bem recebido no Banco Mundial. Enquanto as câmeras e cinegrafistas o perseguiram girando um globo à procura do Brasil, Barber Conable lhe dizia: "Puxa você está despertando muito boas expectativas pelo que tem dito. Estamos com muita esperança de ouvirmos algo novo sobre o Brasil".

E o presidente do Banco Mundial ouviu. O ministro Maílson da

Nóbrega lhe pediu que os desembolsos para o Brasil, neste ano, empatem com o que tem que pagar, que dá um total de US\$ 1,8 bilhão, assim evitando que se repita o nível de fluxo negativo de US\$ 665 milhões, registrado em 1987. Ele espera, para 1989, um fluxo positivo.

"Notei uma boa vontade muito grande dos técnicos do banco, inclusive do próprio Conable, em viabilizar este nosso pedido", contou o ministro Maílson da Nóbrega, que estava acompanhado de seus principais assessores e do embaixador do Brasil, Marcílio Marques Moreira. Por parte do banco, além do próprio Conable, estavam o diretor da Divisão do Brasil, Armeane Choksi, e o chefe da Divisão de Operações, Cobindram Nankani, entre outros.

Uma fonte do banco comentou que o pedido do Brasil "será examinado com muito boa vontade", mas lembrou que é preciso que o

governo brasileiro entre com os fundos de contrapartida para liberar alguns desembolsos já aprovados, e que apresente novos projetos. Para essa fonte, a situação de normalização que está sendo criada entre o Brasil e a comunidade financeira internacional "ajudará muito o banco a ajudar o Brasil".

O ministro Maílson da Nóbrega, na noite de ontem, deu o último passo de sua viagem a Washington para merecer do governo norte-americano "o prêmio" de voltar para Brasília com um acordo de princípio sobre o spread (de 0,875, muito próximo ao que foi concedido ao México e à Argentina), o prazo (ele próprio está propondo 87, 88 e o primeiro trimestre de 89) e o montante (os bancos ofereceram US\$ 5 bilhões, e ele quer agora US\$ 6,6 bilhões) do acordo de médio prazo: foi jantar com o diretor-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, disposto a discutir uma agenda de trabalho para a retomada das negociações, que começariam logo e seriam concluídas em junho.

"O Brasil está pedindo o que outros países obtiveram. As instituições multilaterais e os bancos só vão exigir maior desempenho brasileiro na área de corte de déficit público. E o governo americano está claramente disposto a ajudar, propiciando um acerto rápido. O ministro pode voltar com novidades para o Brasil", contou uma fonte. Maílson da Nóbrega volta hoje para Nova York, após votar nas eleições para a presidência do Banco Interamericano de Desenvolvimento — (BID), e amanhã terá o seu encontro com os banqueiros credores.

Melós Rabinovici,
de Washington